

Corpos e belezas trans invadem a cidade: brechas desejanter de corpografias

Josefina de Fatima Tranquilin-Silva

Doutora em Antropologia e Pós-Doutora em Comunicação e Consumo¹

tranquilinfina@gmail.com

Resumo

Em 2018, durante a “1ª Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba”, do alto do trio elétrico observei aqueles corpos trans, em alegria contagiante, e me perguntei: o que está acontecendo aqui? Passei, então, de ativista de gênero e apoiadora da Marcha para também pesquisadora. Assim surgiu a ideia deste artigo, que objetiva refletir sobre o trânsito dos “corpos inconformes” (v. 2015) durante as duas edições da Marcha Trans, em Sorocaba. Efetivamos a etnografia por meio da apropriação dos conceitos de “cartografias físicas” e “cartografias simbólicas” (Silva 2001). Certamente, Sorocaba tornou-se “outro corpo”, um corpo cidade que, por meio das marchas, desterritorializa os territórios, construindo outras corpografias urbanas.

Palavras chave: Corpos trans; Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba; corpografias; cidade; observação etnográfica.

Abstract

In 2018, during the “1st Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba” (Sorocaba’s March of Trans Visibility) from the top of the electric trio I observed those trans bodies in contagious joy and wondered: what is going on here? And then I went from gender activist

1 Pesquisadora (independente) do grupo de pesquisa Rítmicos do Pensamento (PPGE/UNISO) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade (PPGECH/UFSCAR/Sorocaba). É também conselheira da Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS) e presidenta do Comitê de Direitos Humanos e Cidadania de Sorocaba e Região (COMDHUC).

and March supporter to researcher as well. Thus, came the idea of this article, which aims to reflect on the transit of the “non-conforming bodies” (v. 2015) during the two editions of the March, in Sorocaba. We made the ethnography through the appropriation of the “physical cartography” and “symbolic cartography” (Silva 2001) concepts. Certainly, Sorocaba became “another body”, a city body that, through the marches, deterritorializes the territories, building other urban corpographies.

Keywords: Trans bodies; Sorocaba’s March of Trans Visibility; corpographies; city; ethnographic observation.

Introdução: de onde eu parto?

Em 2018, quando ocorreu a 1ª Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba, fui convidada para fazer um pronunciamento, na Praça Frei Baraúna – local destinado para a concentração da Marcha –, que salientasse a importância daquele momento. Do alto do trio elétrico – local destinado aos shows e às pessoas que fariam seus discursos –, observei aqueles corpos trans, em alegria contagiante. Tomada de emoção, me perguntei: o que está acontecendo aqui? Foi neste momento que percebi que aquele evento era muito mais que uma forma de festejar a vida das pessoas trans e de dar visibilidade à luta trans em Sorocaba. Resolvi, então, encontrar uma resposta à minha pergunta e passei de ativista de gênero e apoiadora da Marcha para também pesquisadora², ou seja, a diversão, o momento de festa, ficou em segundo plano. Logo de início entendi que ali na praça havia uma circulação dos “corpos inconformes” (v. 2015)³, aqueles que são pouco desejáveis em qualquer praça da cidade – a não ser nos momentos em que servem aos desejos sexuais de outrem. Assim, surgiu a pergunta que direcionaria meu olhar de pesquisadora: como o trânsito dos corpos das pessoas trans ocorreria? Na praça (concentração), nas ruas (cortejo) e no Parque Campolim (encerramento), espaços onde ocorreram a “Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba”, concebida pela Associação Transgênero de Sorocaba (ATS) – uma associação de personalidade jurídica, devidamente constituída e de direito privado, formada por pessoas transexuais e travestis.

Minha história com as pessoas trans começou em 2014, quando, em minha pesquisa de pós-doutoramento, analisei a *page* “Moça, você é machista”, administrada por dois meninos transgênero e uma mulher cis. Entrando como pesquisadora neste

2 Escrevi, então, um primeiro artigo (Tranquilin-Silva 2018) e, com a segunda edição, em 2019, senti necessidade de ampliá-lo.

3 Utilizaremos a grafia do nome e sobrenome da autora, segundo o seu desejo: nome e sobrenome em letras minúsculas e sobrenome abreviado (vivane v.)

universo, comecei a participar dos eventos feministas e LGBTQ+⁴ (OK2BME), inclusive aqueles que ocorriam em Sorocaba, cidade onde resido e trabalho. Obviamente, participar destes eventos e ser pesquisadora sobre a temática de gênero aproximou-me das pessoas trans da cidade. Consequentemente, as vivências compartilhadas me levaram ao ativismo de gênero, principalmente ao ativismo trans. Em 2017, quando da criação da ATS, fui convidada a ser uma de suas conselheiras. Portanto, a concretização das duas edições da “Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba” é o resultado de um trabalho árduo de ativismo, do qual faço parte. Assim, considero este artigo não somente uma reflexão e uma análise acadêmica, mas, também, uma vontade de dar visibilidade a uma pequena associação trans, localizada em uma cidade do interior paulista, que encampa uma grande luta a favor das existências das identidades de gênero, as quais fogem à cisnormatividade.

Para mim, que pesquiso juventudes, cidades, ativismos e ativismos digitais de gênero, o estudo das marchas constitui uma via de acesso privilegiado para as conexões possíveis entre estas temáticas. Deste modo, escrevi o primeiro artigo, exposto no *Comunicou/2018*. Depois de alguns meses desta exposição, aconteceu a segunda edição da “Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba”. Dito isso, reitero que o conceito do artigo “Corpos e belezas trans invadem a cidade: brechas desejanças de corpografias” surgiu quando me vi imersa na primeira Marcha, e teve sua ampliação quando participei da segunda. Deste modo, em meio aos corpos trans, transformei estes dois momentos em *locus* metodológico.

Quanto à metodologia, esclareço que há alguns anos venho me apropriando das experiências metodológicas de Armando Silva (2001), em sua pesquisa intitulada “Imaginários Urbanos”. Nela, existem conceitos que alicerçam meu trabalho de campo: “território”, “mapas” e “croquis”. Ao desenvolver o conceito de “território”, o autor diz que:

O território, como marca de habitação de pessoas ou grupos, pode ser denominado e percorrido física e mentalmente. Necessita, portanto, de *operações linguísticas e visuais* entre os seus principais suportes. O território denomina-se, mostra-se ou materializa-se numa imagem, num jogo de operações simbólicas nas quais, por sua própria natureza, situa os seus conteúdos e marca os seus limites (Silva 2001: 19).

Deixando claro que o território extrapola o espaço físico e adentra ao imaginário, Silva propõe os conceitos de “mapa” e “croquis”. Mapa diz respeito à dimensão física

4 A sigla LGBTQ+ será utilizada para se referir a toda a comunidade LGTBTTTQQIAA (lésbica, gay, bissexual, transgênero, transexual, queer, questionando, intersex, assexual, aliado e pansexual – tradução nossa).

elaborada e estrategicamente pensada pela cartografia física, que cria oficialmente os limites dos espaços geográficos e estes passam a ser, também oficialmente, reconhecidos pelos sujeitos citadinos. Com o intuito de analisar o território urbano imaginado pelos sujeitos, o autor propõe o “surgimento de uma ‘Cartografia Simbólica’, equiparando-se com a física e que deverá ocupar-se do levantamento dos croquis” (2001: 24), que têm como destino “representar tão somente limites evocativos ou metafóricos, aqueles de um território que não admite pontos precisos de corte, por sua expressão de sentimentos coletivos ou de profunda subjetividade social”. A partir destas apropriações, utilizei aqui a etnografia. Atentando-me às sugestões de Magnani (2009), localizo esta pesquisa como “um experimento procurando incorporar algumas das regras que residem na prática etnográfica, ajustando-as ao tema e ao pouco tempo de que se dispunha” para a observação (Magnani 2009: s/p). Assim, observei, anotei, conversei, principalmente com as pessoas trans, e fotografei as mais de 5 horas da primeira Marcha e as 8 horas da segunda. Sistematizei as observações, anotações e conversas em um “diário de campo” e as fotos em um banco de dados imagéticos.

Ressalto que, durante a organização das duas edições da Marcha, fizemos na ATS várias reuniões, e as discussões foram compiladas de duas formas: por mim, em um caderno de reuniões da ATS, e pela secretária, nas atas das reuniões. Assim, estes materiais compuseram o banco de dados da etnografia. O “Olhar” etnográfico desenvolvido na praça, nas ruas e no Parque do Campolim foi complementado com “Ouvir”: entrevistas em profundidade com as mulheres Thara Wells, Fabia Ferraz do Nascimento, Uma Reis Sorrequia e Márcia Fernanda de Oliveira⁵.

Vale complementar que, mesmo fazendo parte do conselho da ATS – e, por isso, participando da organização das Marchas –, sendo ativista de gênero, moradora e participante dos espaços onde ocorreram as marchas, tentei fazer o meu dever de etnógrafa: tornar o lugar das concentrações (Praça Frei Baraúna), onde se deram os dois cortejos (ruas do centro), e o espaço de encerramento das marchas (Parque Campolim), que me são muito familiares, lugares “estranhos”, para escapar à armadilha do olhar de senso comum (Magnani 2015). Na análise, refleti sobre estes lugares sem perder de vista que fazem parte de contextos mais amplos. Mas o que me colocou realmente como “estrangeira” naqueles espaços e em meio aos corpos trans foi o fato de eu ser mulher cis, ou seja, fazer parte de um local de privilégio, se comparado aos lugares de subalternidades dos corpos trans. Tento, neste artigo, falar com as pessoas trans, e não por elas.

5 Escolhemos analisar somente as mulheres trans, por terem menos passabilidades que os meninos trans, assim como por serem as mais violentadas em seus direitos humanos.

Resistência trans em Sorocaba?

A partir das experiências de Thara Wells, e para marcar a importância da “Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba”, traçamos uma pequena amostra do ativismo “T” nesta cidade, que se localiza a sudoeste do estado de São Paulo, a mais ou menos 100 km de distância da capital pela Rodovia Castelo Branco. Sorocaba possui cerca de 600 mil habitantes, e é considerada o quarto município mais populoso do estado. Possui um grande polo industrial, além de duas universidades públicas, uma comunitária e muitas particulares. O historiador, poeta e escritor Carlos Cavaleiro, em sua tese de doutorado (2017) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar/campus Sorocaba, traz uma profunda discussão sobre as memórias de Sorocaba e nela demonstra alguns focos de resistências. Diz ele: “[m]esmo destituídos dos poderes – seja social, econômico, político, de mando e/ou de comando – os grupos subalternizados podem – e têm feito – criar espaços para a emergência de suas lembranças, para a constituição de suas territorialidades” (Cavaleiro 2017: 137). É o que pretendemos aqui: mostrar a resistência das pessoas trans, principalmente pelas memórias da ativista trans Thara Wells.

Thara Wells, presidenta da ATS, ativista desde os anos de 1990, designa-se como pessoa trans, trabalha como editora de vídeos, promotor de eventos, profissional do sexo nas horas vagas, jornalista – por prática e não por formação acadêmica –, escritora, e, em 2018, passou a ser aluna do curso de Serviço Social na Universidade Pitágoras (UNOPAR), no formato Educação a Distância (EAD), sendo a primeira mulher trans daquela universidade. Participa do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e recebeu o prêmio de Cidadã Emérita de Sorocaba (Câmara Municipal de Sorocaba, 2018)⁶. No mês de agosto de 2019, passou em primeiro lugar no concurso para estagiários no FUNSERV (Fundação de Seguridade Social dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba). Segundo Thara, seu primeiro registro em carteira “de toda a vida... quase chorei...” (2019).

É importante falar também de Fábria Ferraz do Nascimento, vice-presidenta da ATS, ativista desde o final dos anos de 1990, travesti, modelista, artista plástica e *stylist*. Estas mulheres trans foram basilares para que as edições da Marcha se transformassem em realidade. Segundo Thara Wells, “faz muito tempo que pensamos em fazer algo parecido

6 “Ainda em votação única, foi aprovado o Projeto de Decreto Legislativo nº 90/2017, de autoria da vereadora Iara Bernardi (PT), que concede o Título de Cidadã Emérita a Thara Wells. Natural de Sorocaba, onde nasceu em uma família espírita, a homenageada foi criada na Vila Hortência. Trabalhou como contadora e redutora de danos na ONG LGBTT-Girassol e ajudou a organizar o embrião da Parada Gay em Sorocaba. Organizou diversos eventos protagonizados apenas por transexuais e travestis e atua como jornalista, apresentadora, editora de vídeos e redatora. Tem proferido palestras em várias associações e universidades e foi a idealizadora de oficinas no SESC Sorocaba, sendo, atualmente, coordenadora geral da Associação dos Transgêneros de Sorocaba (ATS), da qual é fundadora, além de participar do Educatrans, curso pré-vestibular para transexuais” (Câmara Municipal de Sorocaba).

com a Marcha, [uma] Parada somente trans, mas, você sabe, o ativismo trans caminha a passos muito lentos [...]. Vamos lutar para que a Marcha se transforme em uma tradição na cidade, assim como é a Parada LGBT” (2018).

Contou-nos Thara que foi expulsa da família ainda muito jovem. Iniciou no mundo trans em 1994, através da “porta da prostituição”, pois não teve escolha. “Pela condição social naquele momento [...], e com a minha identidade de gênero mais do que aflorada, [era] impossível arrumar outra coisa rapidamente, para viver, se não fosse o caminho da prostituição”. Em 1998, passou a pertencer ao “Grupo Girassol”, formado por pessoas GLS (gays, lésbicas e simpatizantes):

Em junho de 1997, é fundado o grupo Girassol - Associação Homoerótica e Afins de Sorocaba. A organização é fundada por Paullete Wells com o auxílio da advogada Lucila Magno. A ONG surge com o objetivo de desenvolver ações para a melhoria das condições gerais de vida e saúde, com foco nas DST/HIV/Aids, e na redução do preconceito em relação aos LGBT, principalmente, às pessoas trans.

O Girassol fazia parte da Associação Diversidade, que emergiu das organizações que participaram do Projeto Somos e reuniu 14 ONGs que promoviam o respeito à diversidade de gênero e orientação sexual. (Nunes 2018: 44)

Thara se envolveu no Projeto HSH” (homens que fazem sexo com homens), que, segundo ela, “tinha como objetivo conscientizar as e os profissionais do sexo sobre a necessidade da prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis”. Esse caminho de “dor e esperança” faz de Thara Wells uma grande ativista pelos direitos humanos, particularmente pelo direito à vida das pessoas trans:

Tudo o que vivi nesse projeto foi despertando em mim uma vontade absurda de encontrar uma forma de ajudar aquelas pessoas... Passei a olhar o mundo de outra maneira [...]. Vivíamos em uma sociedade que dizia que éramos a escória [...], que nós, travestis, trazíamos o vírus HIV. Comecei a ver que essas pessoas precisavam de alguém, que eram pessoas iguais a qualquer outra e comecei a conversar, conscientizar: por que você não sai de casa? Por que não vai ao banco, se o seu dinheiro é igual ao de todo mundo e se você paga os mesmos impostos? Qual a regalia que você tem em ficar trancada na sua casa, com vergonha e medo de ser apontada na rua? E aí que eu acho que o viés da militância entrou em mim. Por essa visão de igualdade, equidade das pessoas.

Sugeri lá na Girassol que fizéssemos debates, encontros, conversas.

Fiquei bem tocada quando uma amiga descobriu que era soropositiva... No final da década de 90, não tínhamos recursos para tratar as pessoas soropositivas [...]. Eu vi muitos amigos e amigas morrerem, como se fossem uma flor murchando, assim, arrancada do pé, sem recursos, sem apoio da família, na solidão. Aquilo me tocou muito, porque a minha geração foi feita e conscientizada, como se o HIV fosse nosso, quem transmitia eram os homossexuais e as travestis que se prostituíam. Peguei um certo horror à doença, à falta de prevenção. O pior foi quando uma grande amiga descobriu que era soropositiva e foi abandonada pelo namorado, aí eu de pronto peguei um pedaço de papel e subi uma rua das mais movimentadas de Sorocaba, onde tinha mais concentração de pessoas e comecei a pedir cinco reais para cada uma, para comprar uma cesta básica e remédios pra levar pra ela. Aquilo me fez um bem tão grande, apesar de ser apontada por algumas, mais ignorantes, que eu estava pegando o dinheiro para mim. Foi aí que a militância grudou em mim e nunca mais saiu. Até hoje.

Thara deixou o Grupo Girassol em 2003, ano em que as mulheres trans e travestis de Sorocaba pela primeira vez se mobilizaram em uma manifestação coletiva. Fizeram uma carreata, que contou com três carros, seguidos por um caminhão de som:

Vivíamos uma época de repressão policial e política muito grande na cidade. A ONG Girassol, com o apoio da Lara Bernardes, que já era deputada federal pelo PT [e hoje é vereadora em Sorocaba], conseguiu fazer a carreata. Tinha um projeto a ser votado pela câmara, que era pra “limpar” a cidade da presença de todas as profissionais do sexo e criar uma “zona”, na área industrial da cidade... Aí o intuito da carreata. Após irmos protestar também no dia da votação, o projeto foi arquivado.

Já Thara foi para a Itália em 2004 e retornou em 2006. Ela entendeu ainda muito jovem que seu lugar é no ativismo, na luta. Sendo autodidata, buscou muitos conhecimentos que serviram ao ativismo e às outras profissões que desempenha hoje. Juntamente com Fábria⁷ e algumas outras pessoas trans, como Marcia Fernanda de Oliveira, Thara luta para que “as travestis, as mulheres e os homens trans possam continuar vivas e vivos, com maior dignidade e respeito” (2018).

Enquanto Thara estava na Europa, as travestis e mulheres trans somente participavam da “Parada” e, segundo Fábria, “era mais festa que ato político, e os LGBs eram em maior número que nós”. Na volta de Thara, o ativismo passou a ser midiático, uma vez que as duas se tornaram, de 2007 a 2012, apresentadoras do Programa Baby Doll (2007):

7 Infelizmente, não conseguimos falas de Fábria sobre seu ativismo em Sorocaba. Sua entrevista foi focada na Marcha. Porém, ela foi muito citada pela entrevistada Thara.

o programa mais colorido da internet. No site do Programa Baby Doll, encontramos seu objetivo.

O Programa Baby Doll tem a proposta de ser uma ponte entre a linguagem LGBTTS e os ditos “heterossexuais”. Seus objetivos, entre outros, são conscientizar o meio de seus deveres e direitos, lutar contra o preconceito e na prevenção às DSTs, além do entretenimento, através da abordagem de vários temas do cotidiano, não só do homossexual, mas do mundo em que vivemos [...]. (Programa Baby Doll 2012).

Segundo Thara, o Programa Baby Doll era transmitido ao vivo, pela web TVMidia, todas as quartas-feiras, com duas horas de duração. “Em 2012, ganhamos o prêmio da ASI [Associação Sorocabana de Imprensa] como o melhor programa jornalístico eletrônico”, lembra ela. A partir de 2016, as transgeneridades e travestilidades passaram a ter o mesmo destaque que os gays, as lésbicas e os bissexuais, a partir de uma iniciativa da Parada do Orgulho Gay de Sorocaba – que passou a ser nominada de Parada LGBT. O tema da Parada naquele ano, “[P]or mais ativismos trans: as lutas podem estar juntas”, já demonstrava o início de uma grande visibilidade. Durante o ano, vários encontros com temáticas trans foram promovidos. Em 2017, alguns resultados já puderam ser vistos: no dia 29 de janeiro – Dia Internacional da Visibilidade Trans –, a Associação de Transgêneros de Sorocaba (ATS) se constituiu. Isso foi um marco para a luta das pessoas trans e travestis na cidade. No mesmo dia, foi lançada a primeira versão do aplicativo TransForma (TransForma 2017)⁸ – hoje em sua terceira versão, agora também para iOS, e com a quarta versão programada para janeiro de 2020 –, e ocorreu também uma tímida passeata nos espaços da Prefeitura Municipal de Sorocaba. Finalmente, em 2018, incidiu a 1ª Marcha de Visibilidade Trans de Sorocaba e, em 2019, a segunda. As duas foram idealizadas e formatadas como ações políticas, tão necessárias em um país que demonstra índices alarmantes de violências contra travestis e transexuais. Segundo a ANTRA (2020), no BOLETIM nº 05/2020 - 01 de janeiro a 31 de outubro de 2020: ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2020, “o Brasil chega a 151 assassinatos de pessoas trans nos dez primeiros meses de 2020. Nesse mesmo período já temos 22% mais mortes do que o ano

8 “O aplicativo ‘TransForma’ surgiu da ideia de dois amigos e eu, que adoramos tecnologia e pesquisamos sobre juventudes, tecnologias, redes digitais e gêneros. Queríamos fazer algo informativo e educativo, já que as discussões de gênero são excluídas da educação formal em um grande número de municípios do Brasil, inclusive em Sorocaba-SP, cidade onde o aplicativo nasceu. Então, o objetivo do “TransForma” é minimizar o preconceito e ajudar a desconstruir os conceitos “normativos”, que contribuem para a construção dos julgamentos sobre as diversidades de gênero. Desta forma, acreditamos que o *app* “TransForma” contribuirá com a inclusão social das pessoas LGBTTT, principalmente das transgêneras, que são as que mais sofrem abusos de direitos humanos” (apresentação oficial do *app*).

de 2019 inteiro, onde tivemos 124 assassinatos”.

Até o dia 31/10/2020, todas as 151 pessoas assassinadas expressavam o gênero feminino, sejam travestis ou mulheres trans. Nos chamando atenção para recorrentes casos onde o ódio a identidade de gênero se faz presente, nos trazendo reflexões sobre como a violência de gênero como fator relacionado a essa violência (ANTRA 2020).

Para a travesti que reside em Sorocaba, Marcia Fernanda Oliveira, 32 anos, que se considera “só travesti, porque esse nome carrega o ativismo”, e trabalha como profissional do sexo: “sofremos violência desde cedo porque temos um corpo abjeto, que tem peito e pau, que causa fascínio e ódio quase sempre na mesma proporção... As mulheres da família não deixam seus machos alfas se aproximarem de nós [...]”. É óbvio que a família protege os corpos cisnormativos, pois, segundo Bento (2006: 164), ela “articula-se com o Estado que, mediante a normatização da vida, naturaliza as relações heterossexuais [e cisgêneras], a medicina, a igreja, a escola. O projeto de construção dos corpos heterossexuais nunca está concluído”.

As duas Marchas incidiram no mesmo horário, local e cumpriram igual itinerário: a concentração a partir das 12h30, na praça Frei Baraúna – no baixo centro –, o cortejo seguiu pelas principais ruas do centro até o Parque do Campolim, onde se deu o encerramento. Nesta cartografia, não havia como esquecer as violências, discriminações, preconceitos sofridos por aqueles – e por todos – corpos trans que conseguem manter-se vivos.

Concentração: reconhecimento integral das identidades e vivências trans

Chegamos nas duas edições da Marcha próximo ao horário das 12h30 – horário marcado para o início da concentração –, na Praça Frei Baraúna. Os trios elétricos ficam sempre nos mesmos lugares quando são utilizados nos eventos: em frente ao Teatro Teotônio Vilela – nas duas montagens foi assim. Portanto, quem adentrava o espaço da praça logo avistava o caminhão de som, o palco e a Polícia Militar. Como normalmente acontece, a tenda da prefeitura estava nas duas edições distribuindo preservativos, panfletos com informações sobre o vírus HIV; barraca da ATS vendendo as bandeiras e bandanas nas cores azul, branco e rosa – que simbolizam as pessoas trans –; jovens de alguns coletivos de Sorocaba, como o Rosa Lilás, coletivo feminista, entregando os panfletos de suas atividades; e panfletos do aplicativo TransForma também sendo disponibilizados às pessoas.

Nos dois eventos, as jovens mulheres trans – não harmonizadas, em início de, ou sem pretensão de fazê-lo – se misturavam às travestis e mulheres trans experientes na luta – com seus corpos bem delineados pelas próteses e pelos hormônios, chamados entre elas de “hormônios femininos” –, transitando felizes de um lado a outro, sempre acolhidas. As meninas lésbicas, os meninos gays, os bissexuais, intersex, drags, e todas as letrinhas da Comunidade LGBTQ+ adensavam a aglomeração das pessoas. Havia héteros comemorando a iniciativa, mas, sem sombra de dúvidas, eram em número menor, nas duas Marchas. Marcia Fernanda de Oliveira nos conta sobre sua emoção quando chegou na praça, no dia da 1ª Marcha da Visibilidade Trans:

Uau... me perguntei: está mesmo acontecendo? Chegando perto da praça e vendo alguns oficiais de segurança pública e de trânsito, já fiquei com um misto de frio na barriga, medo que não tivesse público e, por fim, alegria quando falei para mim mesma que o importante era estar acontecendo. Detalhe: chegamos eu; Danilo, meu noivo; Kadu [Nunes], nosso amigo; Thara [Wells], minha amiga e presidenta da ATS (organizadora do evento com Fábria Ferraz), uma hora antes de começar! (2018).

A programação segue um roteiro, pois não pode atrasar em demasia, já que o trânsito para os carros é fechado. Então, próximo das 14h foi iniciada a programação: os shows das mulheres trans e das drags sempre são o ponto alto. Neste momento, travestis, mulheres trans, meninos trans, pessoas intersex e os apoiadores cis, homo e heterossexuais se uniam na alegria e dançavam, brincavam, gritavam, batiam palmas, na certeza de que ali, na praça central da cidade, naquele momento, as pessoas trans estariam libertas da transfobia e poderiam comemorar a felicidade de suas existências. Para Uma Sorrequia – estudante de licenciatura plena em Geografia na UFSCar-Sorocaba, pesquisadora queer, trans ativista, integrante do Coletivo Mandala, da UFSCar, e conselheira na Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS) e hoje trabalhando no SESC, em São Paulo –, “é um ato político e de resistência... Em muitos desses lugares sofremos, diariamente, violências verbais, psicológicas e até mesmo físicas... Estar ali resignificando esses códigos [...] é muita coisa para quem por muito tempo não pôde nem mesmo sair às ruas” (2019).

Abrindo a cerimônia da primeira Marcha (2018), Thara Wells fez uma pequena fala. Na segunda (2019), a abertura ficou por conta da travesti Fábria Ferraz e de Augusto Neves, homem trans não binário, que também fizeram seus pronunciamentos. Depois dessas falas, foram chamadas as autoridades presentes: coordenadores da Secretaria da Igualdade Social, vereadoras e vereadores. Na sequência, show de outras mulheres trans,

homens trans e drags. Em 2018, Dhanyellen, mulher trans e promotora de eventos, e Márcia Ramos da Silva, mulher trans, ex-profissional do sexo e, agora, empregada doméstica, deram sequência ao roteiro; já em 2019, Fábria Ferraz e Augusto Neves – homem trans, não binário – foram os cerimonialistas do evento todo. Nas duas edições, ocorreram cerimônias de enfaixamento da madrinha e do padrinho das marchas, que são, sempre, pessoas trans. Em 2018, houve a faixa para a miss ativismo trans; porém, em 2019, essa categoria foi extinta e deu lugar à premiação para as pessoas não trans (portanto, cis) que se destacaram – e se destacam – como militantes e apoiadores da causa trans. O prêmio foi um pequeno troféu. Na sequência, os eventos foram contemplados com as falas e pronunciamentos extremamente políticos de ativistas, dos conselheiros e conselheiras da ATS e apoiadores do movimento trans e da própria Marcha. Para finalizar a concentração, novamente alguns shows com rappers trans, mulheres trans, travestis e drags.

A concentração das duas Marchas durou, em média, duas horas. Nos dois anos seguidos, foi emocionante apreciarmos as pessoas trans podendo ser o que realmente são: “corpos inconformes” (v. 2015). Como qualquer outro sujeito, as pessoas trans são “sujeitos desejantes”:

O homem como sujeito desejante é levado para algo que o torna alegre. Trata-se de perceber uma ética e estética da afetividade e da alegria que, ao contrário da passividade negativa, é força revolucionária, amor à vida: a vida como uma bela arte. A ética da alegria e dos afetos é fundamentalmente alegria e busca os meios para satisfazer nosso desejo afirmando ao máximo os bons encontros e a aptidão de cada sujeito a se deixar ser afetado (Lins 2007: 70).

Sendo assim, as mulheres trans, “sujeitos desejantes”, por meio da ética e estética da afetividade e da alegria, mostram a força revolucionária de que nos fala Lins (2007). Elas encontraram formas de contentar seus desejos, de se tornarem – pelo menos ali, e, quem sabe, por mais tempo – corpos respeitados, mostrando a todos o quão políticos eles são, uma vez que, quando analisamos as formações corporais e as identidades de gênero, percebemos que os corpos trans estão sempre em luta com os corpos cisgêneros, os quais são naturalizados e idealizados pelo sistema cisnormativo, pois os corpos trans não estão em conformidades “com seus preceitos normativos” (v. 2015). São corpos que “ficam expostos naquelas fronteiras da vida corporal onde corpos abjetos ou deslegitimados deixam de contar como ‘corpos’” (Butler 2000: 124).

Observando a concentração de forma panorâmica – no trio elétrico –, confirmamos

que ali havia realmente uma “ocupação” da praça, isto é, “uma configuração territorial específica [...], que torna novidade uma prática que de fato é antiquíssima, de ocupação do espaço público pelas pessoas” (Vannuchi 2017: 03), pois “o novo meio urbano reforça e valoriza desigualdades e separações e é, portanto, um espaço público não democrático e não moderno” (Caldeira 2000: 12). Michel Agier (2015), em seu instigante artigo “[D]o direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro”, a partir de Lefebvre (2009) e Harvey (2011), demonstra, por meio da antropologia, que “a cidade é feita essencialmente de movimento” (Agier 2015: 484), e este movimento se dá pela negociação, “mas, para que ela exista, é preciso que em um dado momento alguma coisa tenha acontecido, uma comunidade em movimento, pessoas que chegaram e fizeram o gesto político da ocupação”. Então, “[a] negociação vem após o primeiro movimento, o da ocupação” (Agier 2015: 491). Desta maneira, além dos corpos das pessoas trans serem políticos por essência, já que são considerados em inconformidades com as regras e convenções de gênero e suas identidades, a ocupação da praça é uma ação política, uma vez que leva ao movimento, e esse movimento “é uma tomada do espaço tanto quanto uma tomada da palavra, é o momento político porque é aquele que cria uma situação radicalmente nova” (Agier 2015: 491).

Havia, naquele espaço, um grito uníssono de travestis e mulheres trans (e homens trans): “nós existimos!”. Contrariando, então, a política do medo e a cultura do horror, estatisticamente comprovadas pelos números de homicídios e violências que essas mulheres sofrem; estabelecendo a alegria, vista aqui como um momento político, porque este contentamento dos corpos trans, todos juntos, no espaço público é radicalmente novo. E assim o foi, também, na segunda edição da Marcha.

Para Uma Sorrequia (2018), “talvez tenha sido a primeira vez que um evento na cidade conseguiu reunir tantos/as de nós, e que nos trouxe uma real sensação de representatividade”. Isso é visibilidade. E “o aumento da visibilidade tem sido positivo para a nossa população”, nos diz a travesti e professora de psicologia do IFRJ, Jaqueline Gomes de Jesus (2017: s/p). Ou seja, as travestis e mulheres trans encontraram nas duas Marchas um espaço “para tomar conta [de sua] própria representação, sem [se] submeter aos filtros e aos rótulos de terceiros” (Jesus 2017: s/p). Continua Uma Sorrequia (2018): “muitas mulheres trans e travestis, profissionais do sexo, que dificilmente se sentem acolhidas e abraçadas [...], estavam lá, na rua, na praça, celebrando com alegria”.

Se “o medo crescente no imaginário das grandes cidades aumenta a necessidade de proteção e acaba ocorrendo o cerceamento das ações com a restrição do espaço de uso dos cidadãos” (Ferreira 2011: 89) e se “[todo] corpo sofre punição direta de sujeições

disciplinares” (Ferreira 2011: 90), entendemos que os corpos das pessoas trans são “vítimas expiatórias” de uma cultura formada por sujeitos desejanter, uma vez que “a violência seria um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizada pelo sacrifício de vítimas expiatórias” (Carvalho 1972: 09): os corpos das travestis e mulheres trans normalmente não são protegidos e é quase impossível discipliná-los. Assim, não podem e não devem ocupar quaisquer espaços. Para Jesus (2017: s/p.), “somos tão estigmatizadas. Silenciadas. Ridicularizadas. Violentadas. Invisibilizadas. O machismo e a transfobia nos perseguem, ferem e causam sofrimento”. “O medo de sofrer violência, primeira coisa que me ensinaram [...] era muito maior do que a vontade de descobrir quem eu era. Escolha? [...] bloqueio talvez, adestramento sistemático para você sequer perceber a máscara que puseram em seu rosto quando nasceu”, diz a travesti Amara Moira (2017: 18).

No entanto, nas ocupações políticas da praça, os corpos trans sentem-se representados e protegidos, apesar de indisciplinados. Para Uma Sorrequia (2018): “a Marcha representa para as pessoas transgêneras, homens e mulheres transexuais e travestis um reconhecimento integral de nossas identidades e vivências... Um espaço efetivo para o trânsito de nossos corpos e belezas... Como protagonistas de nossa própria luta”.

Corpos e belezas trans rasgam o centro da cidade e chegam ao bairro chique

Nas duas marchas, algumas autoridades e apoiadores foram em cima do trio elétrico, e as pessoas trans todas no cortejo. Segundo Thara Wells (2018), “nenhuma de nós foi no caminhão de som, porque chegamos à conclusão que no chão mostraríamos mais a luta. Teríamos mais visibilidade se ficássemos todas juntas”. Na comissão de frente estavam as mulheres e homens trans, carregando grandes faixas com as temáticas de cada uma das Marchas: em 2018, “Viver, Resistir, Persistir”, e logo abaixo, em letras garrafais: “Transformar”; em 2019, “Visibilidade Trans: acolher é resistir”. Na sequência, o banner da ATS, com o símbolo da Marcha, e depois a bandeira que simboliza as pessoas trans. Outra bandeira, confeccionada em tecido preto, sem uma única cor, simbolizou o luto pelos assassinatos e violências sofridas pelas pessoas trans. E de bandeira em bandeira, de faixa em faixa, todas as siglas do movimento LGBTQ+ e de coletivos da cidade se fizeram representados.

Dessa forma afetiva, alegre, acolhedora, poética, potente e política, seguiu o cortejo das duas Marchas da Visibilidade Trans de Sorocaba: os olhares atentos daqueles que

estavam nos carros, nos bares, nas calçadas, nas sacadas dos prédios, em frente às casas. Em 2018, algumas pessoas sorriam para os integrantes da Marcha, perguntavam do que se tratava, outras tentavam ignorar, demonstrando o desapareço por aqueles corpos. Havia aquelas que consentiam com os olhares, sorrisos e gestos de cabeça. Muitas fotografavam, mas não seguiam conosco. Em 2019, sentimos que era maior o incômodo com a marcha das pessoas que estavam no passeio público e nos carros, assim como percebemos uma preocupação maior das travestis e mulheres trans mais velhas – com maior experiência em relação à violência – em proteger as juventudes e as “meninas trans mais novas”. Sendo assim, neste ano foi mais difícil, do que no anterior, descortinar os símbolos da diversidade e conquistar as pessoas para que seguissem conosco, marchando pelas vidas trans. Porém, ali, “corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana” (Britto & Jacques 2008: 79). Naquele momento, entendemos que a Marcha provocou, recriou, consubstanciou o que Silva (2001) chama de “relação estética entre cidadãos e cidade”. Diz ele: “o que faz uma cidade diferente da outra [...] [são também] os símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-las. E os símbolos mudam como mudam as fantasias que uma coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade” (Silva 2001:08), ou seja, não existe uma dicotomia entre os corpos dos sujeitos e a cidade. Não nos esqueçamos de que o “fazer-cidade” (Agier 2015) se dá por meio dos movimentos, feitos e refeitos pelos agenciamentos, que ocorrem pela ocupação das cidades. Ocupação esta conquistada pelo “estar-juntos” dos corpos. Portanto, os corpos leem as cidades como um “conjunto de condições interativas, e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua[s] corporalidade[s], [as] corpografias urbanas [...] um pequeno contraponto, ou desvio, à atual espetacularização das cidades contemporâneas” (Britto & Jacques 2008: 79).

Em um vai e vem, do começo ao fim do cortejo, apreendemos as construções simbólicas e imaginárias que ali existiam. A Marcha fez “sua a urbanização de uma cidade” (Silva 2001: 08), e assim comunicou a todos a que veio: mostrar naquelas corporalidades que “travestir é resistir”. Esses corpos sempre são considerados obscenos, quase insuportáveis; porém, quando se vive o início de um governo que levanta a bandeira da transfobia, como este que estamos presenciando, a Marcha de 2019, mais que a de 2018, assinalou uma comunicação perversa, pois gritou o que não se pode nem balbuciar, escancarou o que não se deve mostrar e deu representatividade aos corpos que deveriam estar mortos, mas mostraram suas existências:

O uso social marca as margens dentro das quais os usuários familiarizados se auto reconhecem e fora das quais se localiza o estrangeiro [...]. Cumpre

dizer [...] o território “territorializa-se” na medida em que estreita seus limites e não permite (sobretudo exclui) a presença estrangeira (Silva 2001: 19).

O território “territorializado” vai se “desterritorializando” com a presença de corpos considerados estranhos, não naturalizados, estrangeiros, que vão destemidamente afrontando os espaços não permitidos e comunicando a construção de sua visibilidade, alegria e potência.

Chegamos ao final dos cortejos das duas edições da Marcha no Parque Campolim, um dos locais da cidade mais frequentados pelos sorocabanos de classe média, já que fica em um bairro nobre, cortado por uma larga avenida, a Antônio Carlos Cômitre, que leva ao Iguatemy, principal *shopping center* da cidade. Neste bairro, quase não transitam os bêbados, os desempregados, os pobres, as travestis, as mulheres trans, nem as profissionais do sexo, cis ou transgêneras, e os meninos de programa. Tudo é asseado, limpo, higienizado. O Parque é um espaço para o lazer, a prática do esporte e caminhadas. Também é cenário de variadas atividades educativas e culturais, apresentações artísticas e shows musicais, quase sempre efetivados pela prefeitura municipal. Árvores, plantas e flores oferecem um perfil soberbo ao parque e ao bairro. Conforme os cortejos das duas edições das Marchas iam dilacerando a avenida Antônio Carlos Cômitre, íamos reiterando o processo de espetacularização das cidades contemporâneas. “[Este] processo parece estar diretamente relacionado a uma diminuição tanto da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística no mundo contemporâneo” (Jacques 2008: 47).

Portanto, vimos na avenida e no bairro uma dimensão elaborada e estrategicamente pensada pela “cartografia física” (Silva 2001), que cria oficialmente os limites dos espaços geográficos, e estes passam a ser, também oficialmente, reconhecidos pelos sujeitos que por ali transitam. Até o lazer é milimetricamente traçado naquele espaço. É quase impossível se perder, ser errante. “Nesse sentido, inferimos que a cidade só acontece nos movimentos dos corpos, corpos que escrevem e são escritos pela cidade” (Guerra 2017: 06), corpos que esquivam dos modelos cis e “criam zonas mutantes através do próprio transcorrer com um corpo-panorama que somatiza códigos ainda invisíveis, mas que podem produzir sentidos”, isto é, “entre corpos e interstícios se abrem aberturas desejantes de corpografias” (Canevacci 2008: 05). É neste espaço que as duas edições da Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba fizeram seus encerramentos. Neste momento, os corpos trans invadem o bairro e o Parque, desequilibrando a sagrada higienização

pública, elaborada sem sombra de dúvidas pelos ditos homens heterossexuais, brancos, ricos e cisgêneros que sempre administraram a cidade. Como nos alerta Jorge Leite Jr. (2008: 172), “os seres abjetos não são compreendidos como possuindo o mesmo grau de humanidade”, por isso eles não fazem parte, cotidianamente, dos espaços. Mas eles estavam lá, em luta, resistindo e (re)existindo.

Reescrevendo as (trans)histórias – considerações finais

Analisar as edições da Marcha de Visibilidade Trans de Sorocaba é, inevitavelmente, perceber múltiplos acontecimentos, mas é principalmente entender um processo de negociação e agenciamento com o poder cisnormativo, por meio de corporalidades outras, que produzem novos sentidos na cidade, demonstrando, assim, as corpografias. Na concentração, no cortejo e no encerramento desses dois atos políticos, os corpos das mulheres trans e travestis mostram a libertação dos entraves de seus corpos trans, em alegria plena, pois “o sorriso se estampa. A circulação acorda as vísceras da alma/corpo. Um sorriso aflora, visível ou invisível. Não sou meu corpo, sou minha existência de uma força revolucionária, vontade pura de potência não niilista, positiva” (Lins 2007: 76). Da concentração ao encerramento destas duas edições da Marcha, ocorreu uma comunicação-política por meio das representações simbólicas das existências trans, principalmente quando estamos experienciando em nosso país um governo que insiste em limitar as liberdades democráticas.

Neste contexto, as marchas das pessoas trans e seus apoiadores, em 2018 e 2019, consubstanciaram uma “relação estética entre cidadãos [corpos] e cidade” (Silva 2001: 08). Essa relação mostrou a luta da ATS pelo respeito às vidas trans e deu visibilidade a essas existências na cidade de Sorocaba, possibilitando, assim, a união das pessoas trans e todas as letrinhas da comunidades LGBTQ+. Dessa forma, enodoando os espaços higienizados das geografias da cidade, as duas edições da Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba foram desterritorializando o que é territorializado.

Pelo menos durante as Marchas, na praça Frei Baraúna, na avenida Antônio Carlos Cômitre e no Parque Campolim, os corpos trans possuíram o mesmo grau de humanidade que os corpos cis. Há, então, uma relação entre “corpo urbano e corpo do cidadão” (Britto & Jacques 2011). Para as mesmas autoras (2011: 03), “a cidade [...] não só deixa de ser cenário quando é praticada, mas, mais do que isso, ela ganha corpo, e torna-se ‘outro’ corpo”. É o “fazer-cidade”, como nos alerta Agier (2015). Certamente, Sorocaba deixou de ser simples cenários edificadas pela hegemonia de muitos corpos cisgêneros, e tornou-

se “outro corpo”, um corpo que introjeta vidas trans em espaços antes não permitidos. “Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse ‘outro corpo urbano’ pode surgir uma outra forma de apreensão urbana, e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea” (Britto & Jacques 2011: 3).

Nesse sentido, a expressão estética e política das Marchas se fez, demonstrando que as ocupações são pilares para que as cidades se façam como tal, e, nelas, os corpos trans seguem sendo sempre resistências e, portanto, políticos. Como sensivelmente diz Canevacci (2006: 05), “entre corpos e interstícios se abrem aberturas desejanças de corpografias”.

Referências

- AGIER Michel. 2015. “Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro”. *Mana*, 21(3): 483-498.
- BENTO, Berenice. 2006. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BRITTO, Fabiana Dutra & JACQUES, Paola Berestein. 2008. “Cenografias e corpografias urbanas: corpo e cidade”. *Cadernos PPG-AU/UFBA*, 7:79-85.
- BUTLER, Judith. 2000. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: G. Louro (ed.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. pp.151-172.
- CALDEIRA, Tereza. 2000. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34 / EDUSP.
- CANEVACCI, Máximo. 2008. *Fetichismos visuais*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- CARVALHO, Edgar de Assis. 1972. “Apresentação”. In: R. Girard, *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP. pp. 9-12
- CAVALEIRO, Carlos Carvalho, 2017. *Tá vendo aquele edifício, moço? Lugares de memórias, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba*. Tese de Doutorado. PPG, Universidade Federal de São Carlos.
- FERREIRA, Marcelus Gonçalves. 2011. “Corpo cidade: uma corpografia do medo”. *Contemporânea*, 19(2): 86-98.
- GUERRA, Verônica Alcântara. 2017. “Espaços e sexualidades trans: lazer como arte da existência na Baía da Traição”. *Ponto Urbe*, s/a(21): s/p.
- HARVEY, David. 2011. *Le capitalismo contre le droit à la ville. Néolibéralisme, urbanisation, résistances*. Paris: Éditions Amsterdam.
- JACQUES, Paola Berestein. 2008. “Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea”. *Observatório Itaú Cultural*, s/a(5): 1-15.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. 2017. “Nascimento de um livro”. In: A. Moira & M. Rocha & J. W.

- Nery (eds.), *Vidas trans: a coragem de existir*. São Paulo: Astral Cultural. s/p.
- LEITE JR, Jorge. 2008. *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias 'travesti' e 'transexual' no discurso científico*. Tese de doutorado. PPCSO, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- LEFEBVRE, Henri. 2009. *Le droit à la ville*. Paris: Economica/Anthropos.
- LINS, Daniel. 2007. "Alegria: ética e estética dos afetos". In: P. R. C. Ribeiro; M. R. S. da Silva; N. G. S. de Souza; S. V. Gollner & J. F. de Souza (eds.), *Corpo, gênero, sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG. pp.70-79.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, 2009. "A rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico". *NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, [S.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/magnaniruaquinze.html>.
- MOIRA, Amara. 2017. "Destino Amargo". In: A. Moira & M. Rocha & J. W. Nery (eds.), *Vidas trans: a coragem de existir*. São Paulo: Astral Cultural. pp. 17-55.
- NUNES, Aline A. 2018. *Somos Girassóis Diversos: Relatos da militância LGBT de Sorocaba*. Trabalho de Conclusão de Curso. Livro reportagem. Universidade de Sorocaba.
- SILVA, Armando. 2001. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva.
- TRANQUILIN-SILVA, Josefina de Fátima. 2018. "1ª marcha da visibilidade trans de Sorocaba: estética, consumo e comunicação política". In: *Comunicon*, São Paulo.
- v. viviane. (Viviane Vergueiro Shimakawa). 2015. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de mestrado. PMPGCS, UFBA.
- VANNUCHI, Luanda Villas Boas. 2017. "São Paulo, da cidade de muros à cidade ocupada: insurgências e contradições". In: *XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, São Paulo.

Espaços digitais consultados

- ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Disponível em: <https://antrabrasil.org/mapa-dos-assassinatos/>
- BOLETIM Nº 05/2020 - 01 de janeiro a 31 de outubro de 2020 ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2020: Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>
- ATS - ASSOCIAÇÃO TRANSGENÊRO DE SOROCABA. Disponível em: <http://www.associacaotransgenerosdesorocaba.com/home>
- CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA. Disponível em: <http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/noticias/>
- EXTRA CLASSE. Brasil registra mais de 45% dos assassinatos de transexuais no mundo: de janeiro a setembro de 2018, foram assassinadas 369 pessoas trans no mundo, apenas por serem transexuais, alertam entidades no Dia da Visibilidade Trans. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2019/01/brasil-registra-mais-de-45-dos-assassinatos-de-transexuais-no-mundo/>

MAPA DOS ASSASSINATOS 2019. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1FzwzQghwym_DzFydXGj6onWYfFky1NKy&ll=-9.765147591767388%2C-52.260645753125004&z=3

OBSERVATÓRIO TRANS. Disponível em: <http://observatoriotrans.org/assassinatos>.

OK2BME. 2019. Disponível em: <https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>

PRAGMATISMO POLITICO. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transsexuais-e-o-que-mais-assiste-porno-trans.html>

PROGRAMA BABY DOLL. Disponível em: <http://programababydoll.blogspot.com.br/?m=1>

TRANSFORMA. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/TransFormaApp/about/?ref=page_internal.

Recebido em 14 de maio de 2019.

Aceito em 08 de dezembro de 2019.